

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

VERA LUCIA FERREIRA EICHNER

O ENSINO MÉDIO E AS CRÔNICAS

Despertando o prazer pela leitura com Martha Medeiros

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

VERA LUCIA FERREIRA EICHNER

O ENSINO MÉDIO E AS CRÔNICAS

Despertando o prazer pela leitura com Martha Medeiros

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.”

Orientadora: Profa. Dra. Andreia de Fátima Rutiquewiski Gomes

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



TERMO DE APROVAÇÃO

O Ensino Médio e as crônicas: despertando o prazer pela leitura com Martha Medeiros

Por

VERA LUCIA FERREIRA EICHNER

Monografia apresentada às 09:40, do dia 1 de setembro de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

ANDREIA DE FATIMA RUTIQUEWISKI GOMES
UTFPR - Curitiba
(orientador)

Maurini de Souza
UTFPR - Curitiba

Nivea Rohling
UTFPR - Curitiba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família
e, em especial, ao Paulo, pelo momento
de ausência, da troca pela leitura e pela escrita, pois
*... Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é
isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram
terminadas - mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.*
(ROSA, João Guimarães. Grande sertão: Veredas)

AGRADECIMENTOS

Sou grata a DEUS por me permitir essa conquista.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, aos meus queridos alunos do 3º ano da EEEMAT – turmas 301 e 302/2018, ao meu sempre companheiro – esposo Paulo, ao incentivo dos meus filhos amados – mesmo distantes, sempre presentes) e aos amigos de todas as horas.

Aos professores do Departamento de Linguagem e Comunicação da UTFPR, em especial, da Especialização no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura que passaram pela minha vida e deram sua contribuição para minha formação e à minha orientadora

Professora Dra. Andreia de Fátima Rutiquewiski Gomes,
pela sua dedicação e compromisso.

RESUMO

EICHNER, Vera Lucia Ferreira Eichner. **O Ensino Médio e as crônicas**: despertando o prazer pela leitura com Martha Medeiros. 2018. 41 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este trabalho aborda a temática O ensino médio e as crônicas como meio para despertar o prazer pela leitura. É urgente a preocupação atual com os resultados de avaliações realizadas quanto à leitura, um dos fundamentos da educação básica: os alunos leem e não entendem, e também não gostam de ler. A pesquisa apresenta uma abordagem teórico-conceitual sobre o ato de ler, a crônica, a cronista e a escola, a relação entre ambos, também sobre o método recepcional. A metodologia utilizada inicia com a pesquisa bibliográfica e documental, seguida da aplicação de questionário com fins investigativo a 55 alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre (EEEMAT), do turno matutino, com cinco perguntas fechadas e três abertas sobre os hábitos e opiniões sobre leitura. Verificadas e expostas as respostas em gráficos e analisadas a partir dos autores Antunes (2008), Solé (1998), Orlandi (2001), Geraldi (2012), Coscarelli (2013), entre outros, comprova-se a importância da leitura, que os alunos leem e, em sua maioria, às vezes, justificando por não ter o hábito, não gostar de ler ou pela falta de tempo fora da escola. Essas respostas possibilitaram, após o estudo com os autores, uma proposta de intervenção, centrada no método recepcional de Bordini e Aguiar (1993) com as crônicas de Martha Medeiros, publicadas no caderno Donna do jornal Zero Hora, num total de 29 com diferentes temáticas cotidianas e datas. Uma pergunta foi feita aos alunos após essa sequência didática sobre o despertar do prazer pela leitura com crônicas de Martha Medeiros. A pesquisa comprovou que a leitura é fundamental para a formação de leitores competentes, autônomos, reflexivos e críticos; que a escola e professores devem promover e facilitar essa aprendizagem utilizando espaços e estratégias que contemplem o ato de ler de forma agradável e prazerosa; e que a crônica com sua linguagem simples, aprazível e contemporânea desperta a leitura.

Palavras-chave: Ensino Médio, Leitura, Crônica, Método, Martha Medeiros.

ABSTRACT

This work deals with the theme of high school and the chronicles as a means to awaken the pleasure of reading. The current concern with the results of reading assessments, one of the foundations of basic education, is urgent: students read and do not understand, nor do they enjoy reading. The research presents a theoretical-conceptual approach on the act of reading, the chronicle, the chronicler and the school, the relationship between both, also about the receptive method. The methodology used begins with the bibliographical and documentary research, followed by the application of a questionnaire for investigative purposes to 55 students of the 3rd year of the Secondary School of the Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre (EEEMAT), of the morning shift, with five closed questions and three open about habits and opinions about reading. The answers in graphs and analyzed are analyzed and analyzed from the authors Antunes (2008), Solé (1998), Orlandi (2001), Geraldi (2012), Coscarelli (2013), among others. the students read and, most of the time, justifying not having the habit, not liking to read or lack of time out of school. These responses made possible, after the study with the authors, a proposal for intervention, centered on the Bordini and Aguiar method (1993) with the chronicles of Martha Medeiros, published in the Donna notebook of the newspaper Zero Hora, in a total of 29 with different themes everyday and dates. A question was asked to the students after this didactic sequence on the awakening of the pleasure by the reading with chronicles of Martha Medeiros. The research proved that reading is fundamental for the formation of competent, autonomous, reflective and critical readers; that the school and teachers should promote and facilitate this learning using spaces and strategies that contemplate the act of reading in a pleasant and pleasant way; and that the chronicle with its simple, pleasant and contemporary language awakens the reading.

Keywords: High School, Reading, Chronic, Method, Martha Medeiros.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 O ato de ler ou ler é um ato	12
2.2 O fato da crônica ou a crônica do fato.....	15
2.3 A cronista Martha Medeiros ou Martha Medeiros, a cronista.....	18
2.4 A leitura, a crônica, a cronista, a escola	19
2.4.1 Um método de leitura ou uma leitura do método	22
3 METODOLOGIA.....	24
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
4.1 Uma estratégia de leitura ou uma leitura em ação.....	31
4.2 Um motivo para ler ou o prazer em ler.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A	42

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de mudanças, a educação brasileira com alguns apontamentos não favoráveis divulgados pelos meios midiáticos – como o resultado do IDEB, do PISA, do ENEM, e a era da globalização e da informação online, comenta-se muito o binômio: leitura x escrita e sua relação com o desempenho da aprendizagem. Os documentos que regulam o ensino de Língua Portuguesa, como os PCN's, PCNEM's e as OCEM's, compartilham sobre as concepções de língua/linguagem e leitura nas práticas de ensino. Tem-se, ainda a LDB, como norteadora do ensino brasileiro. Além disso, a reforma do ensino médio, sancionada em 2017, prevê um currículo com 60% preenchido pela BNCC e 40% restante com os chamados itinerários formativos, onde o estudante poderá escolher entre as cinco áreas de estudo. Também são previstas adequações à realidade local com autonomia aos sistemas e instituições escolares para se praticizar as situações e procedimentos a fim de motivar e engajar os alunos à aprendizagem.

Lembramos que um dos objetivos de ensino da língua materna é o de que o aluno saiba ler e interpretar ao concluir a Educação Básica. Assim, é dever e objetivo da escola “ensinar” e praticar a leitura. E a escola é um espaço profícuo para essa ação que segundo Lopes (2003, p. 25), a prática da leitura “depende do espaço e do tempo, e revela que os homens mudam a sua maneira de ler conforme o meio e as circunstâncias sociais nos quais se inserem”.

Sabe-se que a leitura é indispensável a qualquer nível de escolaridade, por isso é tamanha sua importância em todo tipo de aprendizagem. Quando percebemos que os alunos pouco leem ou não entendem o que leem, a preocupação se agrava. Aprender a ler e compreender o que está lendo é primordial na formação de um estudante que deseja tornar-se uma pessoa articulada para se posicionar e persuadir, ou seja, ser um cidadão com habilidade leitora.

Essa temática desafia o educador porque vem de encontro aos anseios do desenvolvimento da prática da leitura, proporcionando assim, perceber (tentar pelo menos) as deficiências apresentadas e disseminar hábitos saudáveis para ler. Por isso, necessita-se de leitores conscientes e críticos que valorizem a leitura, tão importante no processo educacional e na formação integral do indivíduo, tornando-se um ato de prazer. Diante disso, o papel do professor não seria ensinar o aluno a ler, mas sim, conforme Martins (1993), criar condições

para que os alunos realizem suas próprias leituras, de acordo com suas motivações e necessidades pessoais.

Constata-se, porém, que o hábito da leitura entre os alunos não é uma constante e de que esses meninos sabem ler, no entanto, têm dificuldade em compreender, interpretar, refletir e inferir sobre os textos lidos. Ademais, a leitura propicia um maior conhecimento de mundo, de conhecer a si mesmo, serve para um viver mais humano, consciente e crítico.

Portanto, faz-se necessário encontrar estratégias capazes de motivar de forma agradável o alunado através de atividades que ampliem sua visão de mundo e universo linguístico, bem como despertá-los para o prazer de ler, reconhecendo-se como cidadão crítico, capaz de refletir e agir positivamente. Isso visa ao crescimento de sua habilidade leitora, pois

quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada. Isso significa que no ato de leitura, o leitor interage como sujeito ativo que é, num processo de conceder sentido ao que se lê (ORLANDI, 1996, p.59).

Desse modo, muitos questionamentos são feitos quanto à leitura e à aprendizagem no Ensino Médio. É urgente pensar em estratégias para suprir as lacunas existentes. Esses jovens merecem nossos pensares e um projeto que os motivem ao ato: ler textos curtos, leituras rápidas, linguagem acessível que permitam belos entraves e reflexões. Percebe-se que há obstáculos em leitura, o aluno precisa estar preparado e motivado para esse momento. Mas como incentivá-los a apreciar a leitura? Como contribuir com os alunos para que compreendam os textos que leem com temática cotidiana, em especial, as crônicas? Como melhorar a competência leitora? Que estratégias linguísticas estão presentes nas crônicas de Martha Medeiros que tornam os textos mais populares entre os leitores?

Essas indagações me fizeram buscar respostas especialmente quanto ao Ensino Médio, às crônicas e o prazer de ler. Vivemos em contato com uma cultura focada em palavras, são contextos orais, escritos, impressos ou virtuais que nos encaminham à leitura. São tantos meios presentes na contemporaneidade que se tornam ferramentas e oportunidades, ora fáceis, ora difíceis. E os jovens, habilidosos e ágeis, sabem usá-los com primazia, como o WhatsApp que não nos faz exímios leitores. Não é a quantidade nem a diversidade de formas que exercitam nossa capacidade leitora, pois podemos ler e não compreender, ou simplesmente tudo passar despercebido por não gostar de leitura. Assim, surge o desinteresse, a apatia, o aborrecimento e a obrigação pela leitura de textos na escola.

Então, a leitura deve ser uma prática assídua e contínua, tanto na escola quanto fora dela. Mas é a escola o local propício e eficaz para a formação de leitores competentes. A leitura é um processamento cognitivo e complexo que conduz a muitos tipos de conhecimentos. A motivação é uma peça importante para aproximar o aluno ao ato de ler. E a leitura transforma-se em hábito quando visto como uma experiência agradável.

A escolha do tema O Ensino Médio e a crônicas: despertando o prazer pela leitura surgiu de apontamentos feitos durante as aulas de Língua Portuguesa, há anos que observava o gosto pela leitura e a dificuldade de alunos em compreender alguns textos que liam. A opção pelas crônicas para despertar o prazer de ler não é aleatória. Uma certeza de que, segundo Bazerman (2005), por meio do gênero textual a pessoa aprende melhor de si mesma e sobre o mundo em que vive, tendo condições de comunicar e participar melhor da sociedade a que pertence. E esse gênero tem essa linguagem que se aproxima dos leitores, tem informalidade, um estilo próximo a conversação, refletindo a temática cotidiana e contemporânea. Por conseguinte, o trabalho com crônicas possibilita o desenvolvimento de diversas atividades tanto oral quanto escrita, contextualizadas e significativas para a interação entre aluno-professor-alunos. Filipouski (1993, p. 131) afirma que “a leitura que efetivamente penetre um texto só pode ser participante e rica, a nível individual e social. E é esta a leitura que deve ser tomada como imperativo de uma educação humanizante e emancipadora”. Isso é educar para a cidadania.

O objetivo maior desta pesquisa foi buscar informações e conhecimento para realizar discussões acerca do trabalho com a leitura no Ensino Médio, conhecendo os hábitos e opiniões de alunos para elaborar uma proposta de intervenção didática com base nas crônicas de Martha Medeiros.

Para que isso se ocorresse, uma pesquisa bibliográfica sobre a leitura, crônica, cronista e estratégias foi realizada, com o enfoque na interpretação de informações e na análise de dados colhidos quanto a hábitos e opiniões de alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre, EEEMAT, onde atuo como professora de Língua Portuguesa das turmas. Na semana final do mês de maio e na primeira semana de junho, aplicou-se um questionário com oito perguntas: cinco fechadas e três abertas aos 55 anos, do turno matutino, com idade entre 16 e 18 anos. São ações que buscaram estratégias para minimizar dificuldades ou falhas do ler e não compreender ou do não gostar de ler, visando ao despertar do prazer pela leitura. Para que isso fosse viável, planejou-se uma intervenção a partir de sequência didática, centrada nas cinco etapas do método recepcional de Bordini e Aguiar (1993) e as crônicas. Os textos dominicais da cronista Martha Medeiros, publicados no

caderno Donna do jornal Zero Hora, foram âncoras do trabalho por serem textos curtos com temática cotidiana e abordarem os sentimentos em uma linguagem acessível e contemporânea. Para encerrar a proposta, os alunos responderam uma pergunta sobre o momento vivido e compartilhado, ou seja, a leitura, as crônicas e a motivação.

A estrutura do trabalho apresenta-se dividido em partes, iniciada por esta apresentação, continuada pelo capítulo 2 – Fundamentação Teórica que apresenta um estudo sobre a leitura, permeado por ideias e contextos de Antunes (2008), Solé (1998), Lajolo (1982), Orlandi (2001), Candido (1992), Geraldi (2012), Coscarelli (2013), entre outros estudiosos. Conceitua-se o ato de ler e o fato da crônica, apresenta-se a cronista Martha Medeiros, fechando o capítulo com a relação e vínculos entre leitura, crônica, cronista e a escola, também um enfoque sobre o método de leitura – recepcional.

O Capítulo 3 – Metodologia caracteriza a forma e os procedimentos utilizados nesta pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa para analisar e discutir a leitura e seus entraves, com aplicação de questionário com oito questões (cinco fechadas e três abertas) sobre hábitos e opiniões aos 55 alunos do 3º ano do Ensino Médio da EEEMAT. Também, utilizou-se uma sequência didática como estratégia de intervenção proposta para motivar o ato de ler. Por último, uma pergunta foi respondida pelos alunos sobre a leitura e desejo de ler.

Por fim o Capítulo 4 – Apresentação e discussão dos resultados expõem e discutem os dados obtidos a partir da análise das respostas obtidas com a apresentação de sete gráficos, destacando a necessidade de uma proposta de ação. Logo após apresenta-se uma estratégia de leitura ou uma leitura em ação, a intervenção constituída de uma sequência didática com as cinco ações do método recepcional de Bordini e Aguiar (1993) que tratam dos horizontes de expectativas. Finalizou-se com as colocações feitas pelos alunos depois das atividades de leitura propostas, intitulada como um motivo para ler ou o prazer de ler. As respostas obtidas a partir das perguntas, das estratégias e dos objetivos propostos para o estudo teve a intenção de incentivar a leitura por alunos do 3º ano do Ensino Médio da EEEMAT do município de Arroio do Tigre, localizado no centro do Estado do Rio Grande do Sul.

Diante do exposto, verificou-se que a preocupação com a leitura e a formação de leitores competentes não são em vão, quando se trata de aprendizagem, de resultado e de qualidade da educação. Uma certeza é notória: a leitura é o alicerce para que tenhamos em nossas escolas alunos que leem, compreendem o que leram e gostam da leitura. Eles transformam o hábito em rotina de descoberta e prazer. É o que será apresentado neste trabalho monográfico, pois “A leitura tem, assim, a dinâmica de qualquer outro encontro: seu sentido é de agora e é de antes” (ANTUNES, 2008, p.78).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma certeza todos temos: vivemos em meio a palavras. Uma cultura focada em reunir palavras em contextos orais e, preferencialmente, escritos, impressos ou virtuais que nos levam à leitura. Espalham-se livros, jornais, revistas, cartazes, outdoors, placas de sinalização de trânsito, e-mails, blogs, sites, entre outros. Apenas o aplicativo WhatsApp não nos faz exímios leitores. Não é a quantidade e a diversidade de forma que exercitam a nossa capacidade leitora, pois podemos ler e não compreender, ou simplesmente, tudo passar despercebido por não gostar de leitura.

Computadores, videogames, TV, smartphones têm ocasionado outros comportamentos e até o desinteresse pela leitura na escola. E, assim, o destaque vai para o vocabulário reduzido e precário, os erros ortográficos, as formas abreviadas (informais ou gírias), a falta de coesão, coerência, dificuldade de interpretação, poucas e fracas produções textuais. Mas, importante lembrar que “A exposição, pela leitura, é claro, a bons textos escritos é fundamental para a ampliação de nossa competência discursiva em língua escrita” (ANTUNES, 2008, p.76).

Constatamos que a leitura desempenha um papel muito importante em nossa vida, conseqüentemente, no processo de ensino e aprendizagem. Como escrever sem ler? Como construir conhecimento sem ler? Constata-se, assim, que a leitura é desencadeadora de um momento na vida de cada pessoa, por isso evolui gradativamente em fases distintas, da infância a adolescência. Mesmo com o advento e avanço da tecnologia, sem ler nada podemos fazer. Isso prova que a leitura pode influenciar na vida das pessoas, modelando o nosso pensar e o nosso agir, então

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto (OCEM, 2006, p.67).

Mas, afinal o que é leitura?

2.1 O ato de ler ou ler é um ato

Conceituar é fundamental para nortear a discussão sobre leitura.

Para Coscarelli (2002, p. 1), “O conceito mais comum de leitura é a transformação de ‘rabiscos’ em ideias”. Uma definição simples, porém bastante clara ao afirmar que a junção

de letras formando palavras, carrega sentidos que podem ser entendidos de formas diferentes de acordo com o contexto e com o leitor.

Segundo Kleiman (2004), a leitura é uma atividade complexa devido aos múltiplos processos cognitivos utilizados pelo leitor ao construir o sentido de um texto.

Se entendermos leitura, como Solé (1998, p. 22), “[...] um processo de interação entre o leitor e o texto”, constatamos que existe um leitor que dialoga com as palavras para construir o sentido do texto que subjaz através das construções vocabulares.

Esse conceito é ratificado por Geraldi (2012, p. 91) ao afirmar que a leitura “[...] é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita”, entendendo que o leitor interage com o texto e o autor, de forma ativa, procurando uma significação ou sentido para o que lê.

Agrega-se a essa direção a afirmação de Lajolo (1982ab, p.59 apud Geraldi, 2012. p. 91),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Isso permite deduzir que o leitor diante da leitura – o texto – busca o conhecimento prévio que possui para poder interpretá-lo. Nessa perspectiva, Solé (1998, p.24) considera que para ler “[...] é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão”. Quando se adentra no texto, existe uma interação entre autor e leitor, maior que a simples decodificação dos sinais gráficos, porquanto

[...] os sinais (palavras e outros) que estão na superfície do texto são elementos imprescindíveis para sua compreensão, mas não são os únicos. O que está no texto e o que constitui o saber prévio do leitor se completam neste jogo de reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo texto. (ANTUNES, 2008, p. 69)

Diante desses apontamentos, pode-se afirmar que a leitura é extremamente importante em nossa vida, no mundo globalizado em que vivemos, pois é um processo que nos permite, como um leitor ativo, a compreensão e a interpretação das palavras de um texto. É uma prática que beneficia a formação da pessoa enquanto um ser social, crítico e reflexivo. Visto assim, a leitura é conhecimento, e conhecimento é poder. Isso possibilita a transformação própria e da sociedade em que se está inserido.

A leitura é uma das habilidades mais importantes e fundamentais que podem ser desenvolvidas pelo ser humano. É a partir da leitura de mundo que o aluno pode compreender a realidade em que ele está inserido e chegar a importantes conclusões sobre o seu mundo e os aspectos que o compõem. A habilidade de leitura é essencial e dá suporte para o estudo de outras áreas do conhecimento (BARROS; TAMANINI, 2010, p.1).

Comprova-se, assim, que a leitura é fundamental para essas ações e atitudes. A leitura é necessária para a realização de muitas tarefas em nosso cotidiano. A aprendizagem ocorre pela leitura. É uma das competências que se destaca em nosso meio, sempre com ressalvas positivas ao binômio leitor-leitura por permitir um ato dialógico entre autor-texto. Há uma interação que produz resultados na escrita e no desempenho na escola e na vida, ou seja, como aluno e como cidadão.

O pólo da leitura, fluido e variável, configura-se como espaço potencial indispensável no processo de compreensão da criação artística de qualquer natureza, quer essa se manifeste como texto verbal ou não. Por meio da leitura dá-se a concretização de sentidos múltiplos, originados em diferentes lugares e tempos (OCEM, 2006, p.65).

E para a construção de um cidadão verdadeiro e atuante na sociedade, é necessário que ele saiba ler, não apenas decodificando o sentido das palavras, pois ler é muito mais do que isso. “Ler é atribuir sentido. E ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida” (CAFIEIRO, 2010, p.86). Ratifica-se essa atribuição do ato de ler, também, em Antunes (2008, p. 76-77) “tríplice função, implicada na realização da leitura (ler para informar-se; ler para deleitar-se; ler para entender as particularidades da escrita)”.

Ademais, os documentos que regulam o ensino de Língua Portuguesa, como os PCN's, PCNEM's e as OCEM's, compartilham sobre as concepções de língua/linguagem e leitura nas práticas de ensino. Além disso, tem-se a LDB como norteadora do ensino brasileiro. Todos eles apresentam práticas voltadas à leitura. E de acordo com os PCNS (1997, p. 54), “formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos”.

Outro documento importante e atual nas reflexões dos educadores sobre o currículo é a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016), orientação de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens e competências fundamentais para os estudantes ao longo das etapas e modalidades da educação básica, ou seja, educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Observando essa última modalidade, pode-se afirmar que precisamos buscar estratégias para a formação da competência leitora dos alunos, visto que

A leitura no contexto do Ensino Médio – Educação Básica – é entendida como um processo de compreensão no qual se constroem significados sobre o texto. Tanto o texto quanto o leitor são importantes, pois, para realizar a leitura, o leitor além de utilizar suas habilidades de decodificação transfere ao texto suas impressões a respeito dele, seus conhecimentos anteriores e suas intencionalidades (conscientes e inconscientes) (GIORDANI et al, 2017, p 4).

Quanto ao eixo “leitura”, a BNCC aponta para a ênfase no desenvolvimento e na aprendizagem de habilidades de compreensão e interpretação de textos variados. Quanto ao eixo “educação literária”, o foco principal é a formação de leitores capazes de “[...] apreciar textos literários orais e escritos, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da literatura internacional” (BRASIL, 2016, p. 65).

Portanto, pode-se concluir que a leitura está em nosso meio e é mais que um ato de ler, é o fato de ler que vai proporcionar mudanças na vida, na realização pessoal e social, “não é um instrumento, mas ação que transforma” (ORLANDI, 2001, p. 17), porque, na leitura

Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos (CAFIERO, 2010. p. 87).

Por conseguinte, afirma-se, sem medo de errar, que a leitura é uma experiência positiva e oportuniza o conhecimento, evolui o pensamento e a participação cidadã na transformação da sociedade, pois “a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade” (ZILBERMAN, 1993, p. 16).

2.2 O fato da crônica ou a crônica é um fato

Todo fato encaminha-se a uma narrativa denominada crônica? Uma questão a ser pensada e debatida. Duas afirmações fazem-se necessárias: “A crônica é um gênero literário que possibilita a diversidade de temas e linguagens” (BARROS, 2009, p.84) e “Por ser um gênero que, ao abordar temas do cotidiano, revela aspectos da realidade, a crônica é bastante rica para estudos culturais e ideológicos” (LIMA, 2015, p. 136). Assim, pode-se delinear esse gênero textual escolhido como um caminho motivador para a leitura de alunos do Ensino Médio.

No caderno do professor, com orientação para a produção de textos para a Olimpíada de Língua Portuguesa 2016, encontra-se

A palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) ou “chronos” (latim), que significa “tempo”. Para os antigos romanos a palavra “chronica” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido ela foi usada nos países europeus.

Nessas orientações, consta que “a crônica contemporânea brasileira, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais no país. Nessa época, importantes escritores começam a utilizar esse gênero para registrar os fatos corriqueiros do país”.

Cândido (1992) nos diz que, apesar das mudanças incorporadas ao longo do tempo, a *chronus*/crônica guarda de sua origem etimológica uma constante relação com o tempo vivido. Hodiernamente, a crônica atua como portadora do “espírito do tempo”, tanto por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente casuais do cotidiano, também pela complexa trama de tensões e relações sociais que entremeiam sua composição. Muito importante, ainda, é a ligação divertida, um relacionamento, que se instala entre o autor e o leitor, sempre ancorada na contemporaneidade. Designa-se crônica, então, como um texto leve, fluente e sintético, que desperta um elo entre passado e presente.

Apura-se, então, que a palavra crônica apresenta dois vínculos: o primeiro, de relato histórico, e o outro, de gênero literário em prosa. Para o segundo, importava menos o assunto e mais “as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas” (COUTINHO, 1999, p. 121).

A crônica nasceu como folhetim, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, do mais simples ao mais requintado nasce uma narrativa. Mais uma vez, confirma-se que é um texto breve e cotidiano.

E para que o leitor sintá-se mais presente no texto e no universo retratado por ele/autor é publicada uma narrativa com linguagem simples, espontânea, como se fosse uma conversa com o leitor. Nela, o autor não só apresenta um fato ocorrido, como também esclarece o leitor sobre o assunto. Assim, crônica está entre os gêneros jornalísticos opinativos. É possível aproximá-la da esfera do literário.

Uma certeza de que, segundo Bazerman (2005), por meio do gênero textual a pessoa aprende melhor de si mesma e sobre o mundo em que vive, tendo condições de comunicar e participar melhor da sociedade a que pertence. Isso é educar para a cidadania. Também é um

encaminhamento da nova reforma do ensino médio, Lei nº 13.415/2017, que no Art. 36, inciso 5º, afirma:

Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para a sua formação nos aspectos cognitivos e socioemocionais, conforme diretrizes definidas pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2017).

A crônica tem como objetivo e papel representar os fatos de seu tempo, os problemas das pessoas, da vida, da cidade, do país e até do mundo. Os cronistas mais conhecidos faziam isso não apenas através de simples relatos da vida cotidiana, mas também por uma análise pessoal das impressões que a sociedade de sua época lhe causava, conforme a origem etimológica da palavra.

É uma habilidade de conduzir o leitor a emoções, pois a finalidade é agradar aos leitores, ao abordar assuntos que lhe sejam significativos e próximos em “Textos curtos, com densidade poética, são instrumentos poderosos para sensibilizar o aluno [...]” (OCEM, 2006, p.78). Logo, tanto a crônica como o cronista permite ações que levam à leitura e à escrita mais eficiente e com mais resultados satisfatórios.

Verifica-se, então, que as crônicas retratam o cotidiano, de modo geral, os pequenos acontecimentos, aquilo que o olhar do cronista captou e se não fosse por ele passaria despercebido. O trabalho com crônicas possibilita o desenvolvimento de diversas atividades tanto oral quanto escrita, contextualizadas e significativas para a interação entre aluno-professor-aluno.

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas (CANDIDO, 1992, p. 19).

Colocações essas, importantes e condizentes a práxis do professor, muitas vezes, preocupado e ansioso pelas leituras que os alunos deixam de fazer, não compreendem e não gostam de fazê-la. Interessante, denotar que a crônica possibilita, também, um saber para a vida por tematizar, quase sempre, questões do momento – no ápice da mídia, sempre regada com uma linguagem informal a uma realidade adjacente, como política, ética, amor, sexualidade, saúde, sonhos, além das relações entre as pessoas e delas com tudo que é externo, ela humaniza por trazer um ser real que conhecemos ou imaginamos, ou ainda,

gostaríamos de conhecer e dialogar. Textos que podem, ainda, ser recheados com lirismo ou com humor.

Nesse viés, Cândido (1992, p.13) pontua que

Esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar, com a outra mão, certa profundidade de significado e certo acabamento de forma que, de repente, podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Então, a crônica, conforme Cândido (1992, p. 15) “é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”. Confirma-se com Marcuschi (2002) que os gêneros são eventos textuais, maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem das necessidades presentes nas atividades socioculturais e na relação com inovações tecnológicas. Há uma proximidade de temas e de linguagem o que contribui para o entendimento e o desejo de mais leituras desse formato. Pode-se dizer que, na crônica, há uma mistura de jornalismo e de literatura: do primeiro, a observação da realidade do dia a dia; do segundo, a construção do jogo das palavras. E tudo isso pode ser guardado em livros para garantir que esse tempo seja durável, seja eternizado.

2.3 A cronista Martha Medeiros ou Martha Medeiros, a cronista

Considera-se como um fator primordial no processo educativo uma boa competência leitora que contribuirá para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem em todas as áreas de conhecimento. Além desse caráter interdisciplinar, o papel da leitura na formação do cidadão é inegável. E para que se realize com eficácia, a comunicação verbal necessita de uma ferramenta para se concretizar, ou seja, de um gênero discursivo.

Cândido (1992) caracteriza a crônica como gênero menor, mas ao mesmo tempo se desdobra em elogios para esse gênero. Quem escreve crônica sabe dessa condição, mas isso não impede ou impediu que o lugar do cronista, de observador do social, do homem comum que escreve com graça ao longo da história, fosse ocupado por grandes jornalistas/escritores ou escritores/jornalistas.

Nesse leque, encontra-se a gaúcha Martha Medeiros que escreve, normalmente, sobre temas cotidianos que envolvem reflexões acerca do comportamento humano, apesar da linguagem, muitas vezes, figurada, é a mais popular e há um “encanto” em ler seus textos que levam ao querer ler mais. Isso permite uma interação sociocomunicativa e uma discussão que fortalecem a autoestima, o ponto de vista e os argumentos, ações que levam ao discurso, assim como pontuaram Bakhtin (2004, p. 32) “o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra” e “[...] o cronista recria o fato cotidiano

por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica, do humor” (RITTER, 2009, p. 10,11). Como uma das características de Martha Medeiros, cronista de nossa contemporaneidade, é “por escrever sobre temas cotidianos, que envolvem muitas vezes reflexões acerca do comportamento humano” (SOUZA, 2013, p. 1). Isso justifica a escolha da cronista para o trabalho monográfico.

A cronista escreve semanalmente no caderno “Donna”, de Zero Hora, que tem circulação dominical. O caderno passou por diversas atualizações editoriais. Um dos fatores responsáveis por esse sucesso foi a revelação da cronista Martha Medeiros. Suas crônicas, publicadas no jornal, foram compiladas em livros que se tornaram campeões de venda. Elas falam sobre assuntos muito variados, desde experiências pessoais da escritora, até assuntos mais abrangentes, como o casamento, o amor, o cinema e os relacionamentos.

Conforme o site da revista Donna, Martha Medeiros, a cronista do olhar atento sobre a cultura e o comportamento, escreveu mais de 25 livros, entre ficção, poesia e coletâneas de crônicas. Já soma mais de um milhão de exemplares vendidos. Tem obras adaptadas para cinema e teatro. Como jornalista, Martha Medeiros escreve crônicas para o jornal Zero Hora, onde possui uma coluna no segundo caderno. Também escreve para o jornal O Globo e colabora com a revista Época.

Entre outros trabalhos, publicou: “Divã” (2002), romance que originou um filme e uma série de TV, estrelado pela atriz Lília Cabral, “Coisas da Vida” (2003), “Selma e Sinatra” (2005), “Tudo Que Eu Queria Te Dizer” (2007), “Doidas e Santas” (2008), “Fora de Mim” (2010), “Noite em Claro” (2012), “Um lugar na Janela” (2012), “A Graça da Coisa” (2013), “Quem diria que viver ia dar nisso” (2018).

O *site* da editora L&PM descreve Martha Medeiros como “uma das escritoras de maior sucesso da atualidade. Paradoxal, ambígua e filha do seu tempo, a obra de Martha Medeiros traz a marca do grande escritor”.

Creio que, por essas razões, a cronista gaúcha traz um encanto a cada leitura de suas crônicas e motiva ao ato de ler, como confirma Antunes (2008, p. 71):

[...] a leitura possibilita *a experiência gratuita do prazer estético*, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as idéias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior.

2.4 A leitura, a crônica, a cronista, a escola

Os alunos são diferentes, com vivências e realidades distintas, dessa forma faz-se necessário um ensino que seja útil e que os incentive a refletir.

[...] o leitor é sujeito ativo do processo. Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida (CAFIEIRO, 2010, p. 86).

Por ser um processo e termos um ser em potencial, Coscarelli (2013, p.21) afirma que “Identificar algumas estratégias importantes que o leitor utiliza na leitura e, ao mesmo tempo, estar a proporcionar situações em sala de aula para melhorar essas estratégias podem ajudar a mudar o quadro atual”.

Portanto, faz-se necessário encontrar estratégias capazes de motivar de forma agradável os alunos da escola através de atividades que ampliem sua visão de mundo e universo linguístico, bem como despertá-los para o prazer de ler, reconhecendo-se como cidadão crítico, capaz de refletir e agir positivamente. Isso visa ao crescimento de sua habilidade leitora e escritora, conseqüentemente, seu desempenho na aprendizagem da escola e se consiga alcançar bons resultados nos exames como Prova Brasil/SAEB, PISA e o ENEM, pois “A vida contemporânea não induz à leitura. Com a internet, TV, redes sociais e o celular, há outro tipo de comunicação. A escola tem passos a dar para entender essas mudanças e criar ambientes, partindo do princípio de que sem leitura, não há estudantes...” (Maria Pilar, revista Língua Portuguesa, 2010, p.10). Sabemos que nada substitui a leitura, mesmo em época de proliferação desses recursos audiovisuais e da informática. E o texto deve ser visto como um espaço de interação, porque a partir dele professor e aluno trocam informações, pois “os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2002, p. 17).

Tudo isso nos leva ao mundo da escrita e a escola é a ponte para fazer o entrelaçamento entre letra, frase, parágrafo e texto, ou seja, desenvolver a habilidade e competência de ler para que a escrita possa ser uma consequência desse ato. Assim temos a ferramenta para ajudar os alunos nessa caminhada para a codificação e a decifração das palavras e a sua compreensão em textos. Vários fatores influenciam o processamento dos textos para o entendimento no âmbito social. E a prática da leitura deve proporcionar o prazer e o hábito de ler. Se buscamos a construção do conhecimento, a leitura necessita de estímulo e motivação, de disposição e dedicação.

Mas se comprova, através dos índices de pesquisas educacionais e dos resultados apresentados, que os alunos leem pouco, têm dificuldade em compreender, fazer reflexão e inferências de textos, e relacionarem o conhecimento para sua vida, melhorando,

posteriormente, a habilidade e competência na escrita. Reflexões e questionamentos da prática cotidiana me fazem buscar conhecimentos e meios para, ainda, poder contribuir com os dois fundamentos maiores do ensino-aprendizagem: a leitura e a escrita, porque acredito que quanto mais se lê, melhor se escreve, é um processamento cognitivo e complexo que conduz a muitos tipos de conhecimentos, pois “A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita” (ANTUNES, 2008, p.70).

Os dados, segundo a Prova Brasil/SAEB, comprovam que a leitura está longe de ser uma unanimidade. Os alunos do Ensino Médio não são leitores assíduos. Com o acesso à informação pela internet e outras mídias, as pessoas estão lendo cada vez menos, mas a causa não é somente a internet; o celular e outros aparelhos eletrônicos, também, criam uma barreira e conduzem a jogos e a redes sociais, preferencialmente. Hábito e valorização da leitura são urgentes, tanto pela escola quanto fora dela.

A escolha de crônicas deve-se ao fato de ser um gênero textual que nasceu da necessidade “explorar de maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que se dispõe” (SÁ, 2008, p. 8). Também, por ser interessante, acessível, breve, personagens comuns e muito presentes em nosso dia a dia, e apresentar temática envolvente que possibilita uma diversidade de assuntos.

Para Villardi (1999, p. 37), ensinar a gostar de ler “é exatamente isso: é ensinar a se emocionar com os sentidos e com a razão porque, para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola”. A autora evidencia a necessidade de ensinar para a compreensão do que não está escrito. Assim, a escola e o professor de Língua Portuguesa, entendido como mediador do processo de ensino, o planejamento e a organização de atividades, envolvendo a leitura e os gêneros textuais, em especial, a crônica, objetivam ao aluno, sujeito da ação de aprender, possa desenvolver sua competência leitora e o gosto pela leitura. Solé (1998, p. 22) ratifica essa missão educativa ao afirmar que “A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura”.

Nesse sentido, a cronista Martha Medeiros soma-se com seu texto, pois atrai e satisfaz o sedento e motivado leitor jovem a “devorar” leituras, compreendendo-as e agregando vocabulário, novos conhecimentos e um saber para vida e para a aprendizagem. São crônicas contemporâneas que levam a formação de um leitor competente, pois permite “o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a

fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias” (MOURA e MARTINS, 2012, p. 87).

Acredito que uma proposta de leitura que tenha a crônica com a cronista Martha Medeiros como recurso didático nas aulas de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio pode resultar em práticas reais e significativas de leitura e, conseqüentemente, de escrita, ou seja, leitores competentes e críticos, pois “A crônica não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz literatura também. Textos feitos para o momento e que, pela qualidade, vão ficar para sempre” (SANTOS, 2007, p. 15).

Nesse contexto, a escola deve assumir uma função primordial: formar o hábito de leitura do estudante, utilizando-se de espaços e de textos diversificados, tanto literários quanto não literários. E quando assume para si essa condição “estará garantindo, com certeza, a existência de adultos com rica imaginação, amplos recursos lingüísticos e uma visão de mundo que em muito ultrapassa ao imediato e ao próximo” (FILIPOUSKI, 1993, p. 131).

2.4.1 Um método de leitura ou a leitura do método

É indiscutível que, para se costurarem esses elementos: leitura, crônica e cronista na escola, encontrar um método que permeie o conhecimento prévio do aluno e o novo, estabelecendo intercâmbios entre o texto e o leitor. Um método que se encaixa nesse caminho é o método recepcional que “[...] implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.86). Nesse processo de recepção, o texto a ser lido são as pré-condições de interpretação e interação com o texto, ou seja, os horizontes de expectativas.

Assim, o objetivo desse método é ampliar esses indicadores com a leitura de textos que desacomodem o aluno, desafiando-o com leituras diversas, permitidas pelo texto, além de estimular as novas. Como resultado, tem-se a formação de um leitor participativo e crítico, pois se garantiu a ampliação de seus horizontes. Para desenvolver o Método Recepcional, Bordini e Aguiar (1988) elaboraram cinco etapas, a saber: 1) determinação do horizonte de expectativas dos alunos (o conhecimento prévio do aluno); 2) atendimento do horizonte de expectativas (os textos e as temáticas próximos e atraentes ao leitor); 3) ruptura do horizonte de expectativas (textos gradativamente mais complexos); 4) questionamento do horizonte de expectativas (a comparação e reflexão sobre expectativas iniciais e atuais); e 5) ampliação do horizonte de expectativas (os horizontes dos alunos foram modificados). Esses procedimentos promovem a transformação ou a ampliação do conhecimento do aluno.

Conclui-se que o método recepcional, divulgado pelas autoras brasileiras Bordini e Aguiar (1993), é um caminho possível para o desenvolvimento de práticas de leitura em sala de aula. Então, a costura estará feita para construção de formas de ler na escola, conseqüentemente, do prazer e do hábito da leitura, além da formação de um leitor competente. Por conseguinte, cumpre um dos maiores objetivos da educação que é o de ampliar o conhecimento e a leitura de mundo, que vem a tornar o aluno mais capacitado para exercer a cidadania que é capaz e que lhe cabe por direito.

Confirmam-se, assim, os dizeres dos PCNs que:

a leitura (...) é uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar nos textos suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69).

3 METODOLOGIA

Quando se pensa em pesquisa, busca-se o conhecimento em autores que abordem a metodologia científica. Gil (2002) define pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Marconi e Lakatos (2003) acrescentam ainda que a pesquisa necessita de tratamento científico, e objetiva o conhecimento de uma realidade ou de verdades parciais. Comprova-se o porquê de se realizar uma pesquisa quando não são encontradas informações suficientes para responder ao problema em estudo, ou quando existem informações fora de ordem, de modo que não possam ser relacionadas ao problema (GIL, 2002).

Assim, o começo de uma pesquisa surge a partir de um desafio, ou seja, uma situação problema para ser estudada. Busca-se uma teoria para obter a fundamentação. Nesse sentido, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e documental com a intenção de se obter sustentação teórica para as atividades a serem desenvolvidas a cerca de leitura, pois, também, segundo Marconi e Lakatos (2003, p.19):

[...] ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes dos secundários e, optando pelos mais representativos e sugestivos, utilizá-los como fonte de novas ideias e do saber, através dos processos de busca, assimilação, retenção, crítica, comparação, verificação e integração do conhecimento.

Quanto à abordagem, foi eleita a metodologia qualitativa e a pesquisa foi realizada no local em que se dá o problema com participação ativa da pesquisadora. Na pesquisa qualitativa, buscam-se explicações conforme Gerhardt e Silveira (2009, p.31) a “[...] pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”.

Quanto aos objetivos, a pesquisa foi explicativa e descritiva. Segundo Gil (2010, p. 27), a pesquisa descritiva tem “como objetivo a descrição das características de determinada população”. Entre as pesquisas descritivas, cumpre destacar aquelas que objetivam estudar as características de um grupo. E o questionário é um instrumento de coleta de dados que, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 184), constitui-se de “[...] uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”.

Um questionário com fins investigativo e questões abertas e fechadas, tabulando os hábitos e opiniões sobre leitura de alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, urbana, foi elaborado para colher esses dados informativos.

Após a análise dos dados coletados, gráficos são elaborados e realizou-se um projeto de intervenção. Então um plano de ação foi elaborado, utilizando-se de sequência didática com a finalidade de proporcionar a atividade de leitura de crônicas para despertar o gosto e o prazer de ler. E elegeu-se Martha Medeiros como cronista.

Para isso pensou-se em Bordini e Aguiar (1993) e o método recepcional que será utilizado, especialmente, como norteador para a motivação, a leitura e o prazer. Esse método apresenta cinco etapas evolutivas (determinação, atendimento, ruptura, questionamento e ampliação), que possibilitam a formação de leitores competentes, autônomos e reflexivos. E, através de crônicas, permitirão aos meus alunos, formandos do ensino médio, a descoberta de novas formas de pensar o cotidiano, alargando o horizonte de expectativas e posicionando-se criticamente em relação ao tema e à vida.

Muito válida, durante a proposta de intervenção, centrada no método recepcional, será a participação ativa da pesquisadora por interagir junto aos alunos, motivar e criar o ambiente para uma leitura prazerosa. Também, oportunizar os diferentes diálogos entre as crônicas a serem lidas, as relações de umas com as outras e as diversas leituras que ocorrerão durante esse trabalho. Assim, cada aluno terá uma oportunidade de interagir com o texto lido/ouvido e produzir sentido junto a ele e, ao mesmo tempo, propiciar outros sentidos possíveis a ele, ou seja, será um momento de leitura significativa, de aprendizagem plural.

Finalizando a metodologia, os sujeitos da pesquisa serão questionados (uma pergunta) sobre a leitura de crônicas de Martha Medeiros e o desejo de ler. Constatar-se-á se esses textos os fazem buscar outras formas de ler e se estão felizes com o que leram.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como professora de Língua Portuguesa, uma preocupação causa temor quando se analisam os resultados trimestrais escolares e de avaliações externas: a leitura. Quem não lê, não escreve; quem mais lê, melhor escreve. São aforismos da prática didática. Então, busca-se despertar o interesse e o prazer de ler. E para iniciar a pesquisa-ação, um questionário foi aplicado no município de Arroio do Tigre, no centro do estado do Rio Grande do Sul, com os alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre (EEEMAT), uma escola de educação básica urbana com mais de setecentos alunos matriculados em três turnos, sobre a prática e hábitos de leitura para diagnosticar e tentar entender os entraves da falta de entendimento ao ler ou não gostar de ler. Duas turmas de terceiro ano, turmas da manhã, com 55 alunos e idade entre 16 e 18 anos, vinte e quatro alunos residentes na cidade e trinta e um no interior, foram os sujeitos da pesquisa. O gênero escolhido para a leitura foi a crônica por ser um texto curto e com temática cotidiana, e a Martha Medeiros por ter uma linguagem acessível e abordar os sentimentos de forma contemporânea.

Pois, como bem pontua a publicitária paulista Elaine Sekimura “Incentivar a leitura é a forma mais eficaz de disseminar a cultura e valores, incitar a imaginação e despertar a criatividade”, necessita-se, como educador, buscar estratégias para que a leitura se realize e que se realize com prazer.

Para planificar o resultado do questionário com oito perguntas: cinco, fechadas e três, abertas, gráficos foram elaborados e analisados a partir de autores elencados na fundamentação teórica.



Gráfico 1

Para os alunos, o gosto pela leitura com a assertiva “às vezes” conota uma preocupação, pois estão finalizando o ensino médio e não firmaram esse prazer. Sabe-se que a leitura deve ser constante em nossas vidas. Ao justificarem a escolha, responderam, em sua maioria, que não tinham o hábito de ler (liam somente na escola e que este ano estão lendo mais) e que não liam pela falta de tempo (em casa, ajudam os pais), pela pouca paciência e interesse, pela dificuldade de entender os textos e pelo gosto de assistir filmes. Vale destacar que muitos consideram a leitura como um aprimoramento e um conhecimento que faz bem, apesar de afirmar que “depende do assunto” para que a leitura ocorra. Isso comprova que o professor deve criar meios para despertar o interesse e o gosto pela leitura, diversificá-los também, assim como defende Lois (2010) que o gosto pela leitura funciona como um ritual que abre caminhos para novas descobertas e o professor facilita esse transito do ato de ler.

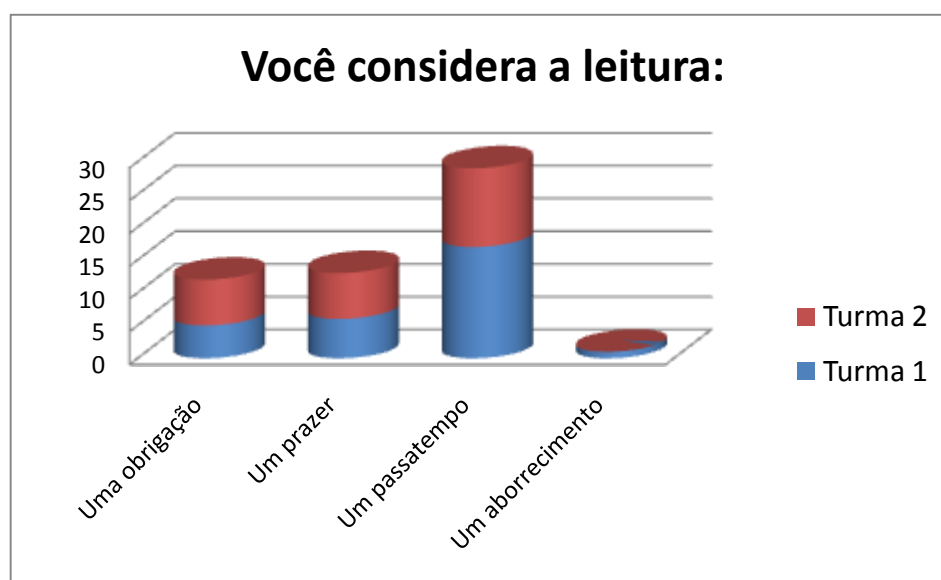


Gráfico 2

Pelo gráfico 2, comprova-se que os alunos do 3º ano do ensino médio reconhecem que a leitura faz parte do cotidiano contribuindo para a aprendizagem e para o conhecimento, assim como uma prática que permite entender o que se passa no mundo sob diversos olhares. Com o conhecimento prévio e a formação do leitor, a leitura se torna mais efetiva e eficiente. Assim, como afirma Paulino (2001, p.156), “as leituras, em sua diversidade, mobilizam emoções, incitam reflexões, transmitem conhecimentos, envolvendo, como se viu, diferentes saberes. Se os textos se diversificam, também as leituras devem ser diferentes”.

Mais uma vez a leitura deve ter sentido para os alunos, como apregoa Lajolo (2002, p. 15) “Ou um texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer sobre nossas aulas”, por isso que existem leituras que aborrecem, por obrigação, por prazer ou por passatempo.

Os gráficos seguintes mostram que a leitura deve ser incentivada em todos os espaços onde estiver a aprendizagem para que proporcione a formação do leitor competente e capaz de interpretar, compreender e inferir em diversos textos, seja na escola, seja em casa. Então, o professor deve ser o facilitador desse processo para que o aluno se sinta motivado e empolgado para ler, pois só aprende ler lendo, vivendo experiências de leitura, assim, conhecendo a relação entre o mundo e a sua realidade para que possa exercer a cidadania. Ser um cidadão atuante e crítico na sociedade, também, é papel da leitura. Segundo Garcez (2001, p.23), “a leitura é a forma primordial de enriquecimento da memória, do senso crítico e do conhecimento sobre diversos assuntos acerca dos quais se pode escrever”.



Gráfico 3

Na EEEMAT, existe há quatro anos um projeto de leitura, semanal, que possibilita a leitura de livros literários durante uma hora/aula com horários diferenciados mensalmente, ou seja, 1ª aula, depois na 2ª e, assim, sucessivamente. É o momento da concentração e do silêncio para o ato de ler. Todos aprovam essa parada literária.

A escola, destarte, cumpre seu papel como protagonista na disseminação da leitura. E é nesse espaço que se deve promover o hábito de ler pelas crianças e pelos jovens, formando leitores capacitados para compreender os textos e, posteriormente, habilitados para escrever. É um dos desafios a ser enfrentado pela escola, “pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem” (SOLÉ, 1998, p.32).

No entanto, constata-se que, em casa, não são todos motivados a ler. Algumas famílias “cobram” a leitura, outras não.

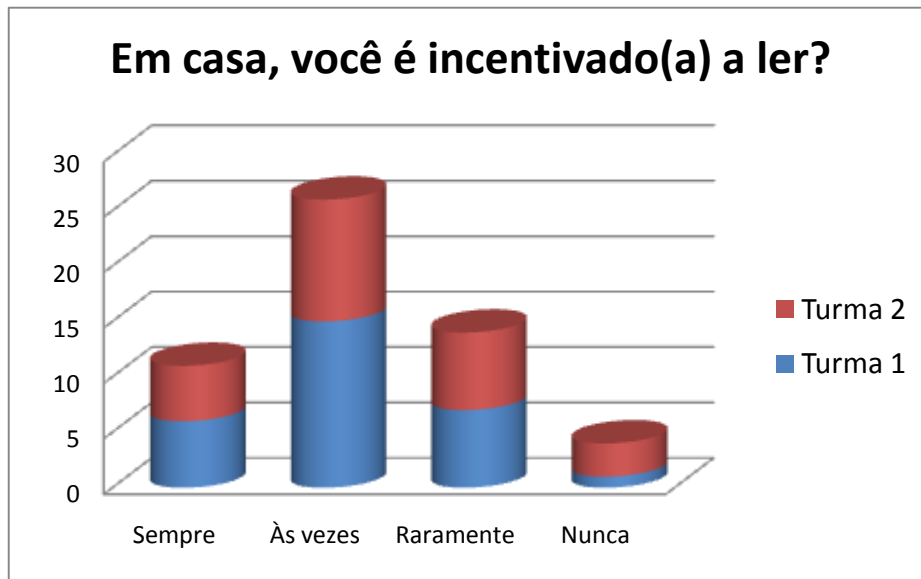


Gráfico 4

Seguindo essa linha de pensamento, contata-se que os alunos, em casa, leem quando “sobra” tempo (como eles dizem) e procuram ler o que têm vontade, sem compromisso, revistas, jornais, páginas da internet com diferentes e diversos assuntos, ou preferem filmes (sentem-se cansados). Como muito bem pontua Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam a leitura”.

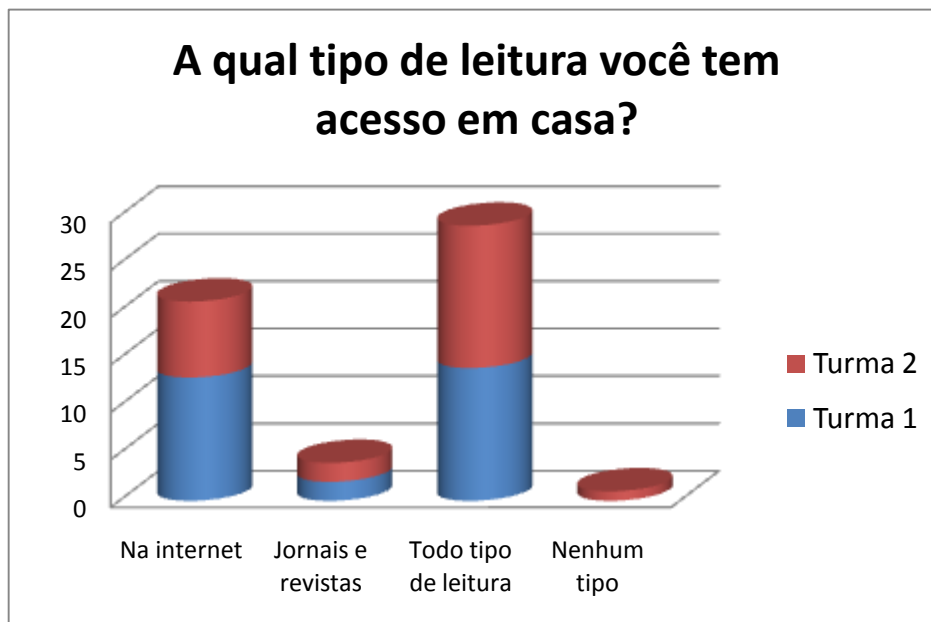


Gráfico 5

Quando, questionados sobre as leituras recomendadas pela escola consideram importantes, pois ajudam a aumentar o vocabulário, melhoram o desempenho na escrita e a

maioria dos livros cai em prova, vestibular e no ENEM. Leituras aumentam o conhecimento, como escreveram “pois ajudam a entender o contexto das aulas, além de proporcionar oportunidade de conhecer outras linguagens” e “ser incentivado a ler nos faz ter um melhor vocabulário, mais conhecimento de mundo e um melhor desempenho na escrita”.



Gráfico 6

Já quando a questão envolve obstáculos e complexidade na leitura, comprova-se que aquele que lê mais, tem menos dificuldade em compreender e interpretar os textos, como pontuou um aluno “pela falta de concentração e vocabulário limitado, dificultando a compreensão”. Os conhecimentos prévios facilitam a atribuição de significados aos textos, literários ou não literários, permitindo o entendimento do que está explícito e implícito através das palavras e das imagens, ou seja, quanto mais conhecimento textual o aluno obter diante a diferentes textos, mais fácil será sua assimilação.

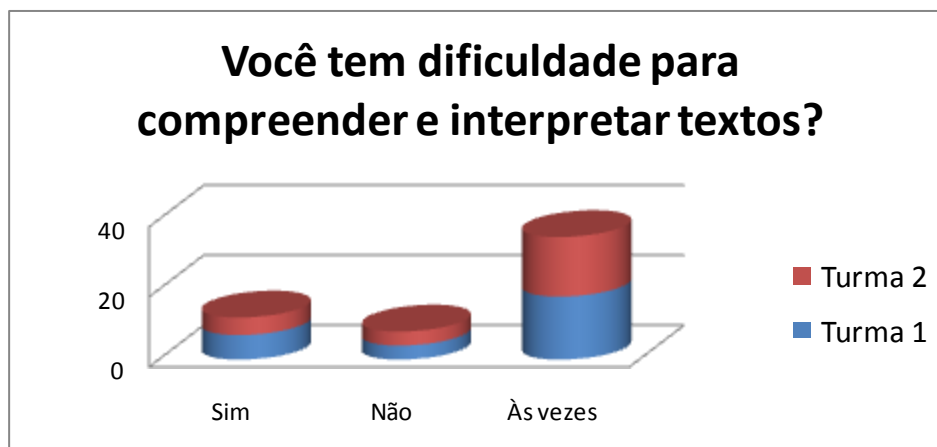


Gráfico 7

Visto assim pode-se confirmar o que Kleiman (1996, p.13) pregou: “A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida”. Também, “É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto”.

Quanto à última questão sobre um gênero textual que escolheria para sua leitura, 45% indicaram o romance como o mais interessante, que trata de amores, de mudanças, tem um final feliz e alguns têm um contexto que lembra um passado ou se aproxima da vida real, apesar de serem mais longos. A segunda escolha foi a lenda e a terceira, o conto e a crônica.

Uma leitura deve ser eficiente e prazerosa ao leitor; além da informação e aprendizagem, traz o conhecimento. Para Carvalho et.al. (2006, p.20), “o ser humano precisa realizar leituras diversificadas e de qualidade para sobreviver na era da globalização. O mais importante é saber selecionar as leituras evitando a sobrecarga informacional”. Conclui-se que a prática da leitura é primordial para a formação de alunos com senso crítico.

Diante desse quadro, reconhece-se que os interesses, os gostos e as escolhas de leitura variam entre as pessoas. Nem sempre um texto é bom e agradável para todos os alunos. Leituras são trocas de informações entre leitor e autor, mediado pelo texto – um conjunto de palavras que permite diferentes significados e sentidos a cada leitor. Com os alunos é mais pontual, quando se comparam alunos de 3º ano do ensino médio com idades entre 16 e 18 anos: às vezes, a leitura pode ser entediante ou agradável, ter o viés da reflexão ou da diversão. Percebe-se que, sempre, ler é conhecer, compreender e entender o que se lê, ou seja, o mundo ao nosso redor. Estratégias são essenciais para que na escola se formem leitores competentes, críticos e opinativos. Por isso, planejou-se uma proposta de intervenção que contribua com a prática de leitura.

4.1 Uma estratégia de leitura ou uma leitura em ação

Para que resultados sejam positivos, é essencial entender que “a leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade”. (ORLANDI, 1988, p.09). Então, considerando o resultado do questionamento realizado, a crônica foi escolhida para essa proposta como facilitadora no processo de construção do sentido, por incentivar a leitura e por desenvolver o senso crítico. Para isso um plano de ação foi elaborado: uma

sequência didática a partir de Bordini e Aguiar (1993), um passo a passo, que contempla a leitura de textos em sala de aula:

1. Determinação do horizonte de expectativa

Uma conversa inicial e a projeção do clipe Linhas Tortas, de Gabriel Pensador (<https://www.youtube.com/watch?v=24QmQfPCsgQ>), que fala sobre sua paixão por escrever, relembrando sua trajetória, uma espécie de desabafo do rapper, compositor e escritor gaúcho. Após, com a mochila cheia de cadernos: Revista DONNA, da Zero Hora, fez-se a distribuição de um caderno para cada aluno folhear, observar e verificar o que tem em seu lado externo e interno.

2. Atendimento do horizonte de expectativa

No horário do projeto de leitura da EEEMAT, leitura silenciosa da última página da revista Donna, uma *crônica de Martha Medeiros* (29 títulos e data de publicação no jornal Zero Hora):

Seleção Sênior (16 e 17/06/2018);
 Ponha seu amor no sol (09 e 10/06/2018);
 O fim da mulher discreta (27 e 28/01/2018);
 Ou você amadurece, ou se falsifica (6 e 7/01/2018);
 Encontros e colisões (30 e 31/12/2017 e 01/01/2018);
 Amiga oculta (23, 24 e 25/12/2017);
 A distância entre mim e o caos (02 e 03/09/2017);
 Não pertencço a este lugar (02 e 03/12/2017);
 Um bebê na plateia (18 e 19/11/2017);
 Amor bandido (28 e 29/10/2017);
 Perder o casal (21 e 22/10/2017);
 Quando eu estiver louco, se afaste (15 e 16/07/2017);
 Admitir o fracasso (8 e 9/07/2017);
 O fusca amarelo (01 e 02/07/2017);
 Paranoia (24 e 25/06/2017);
 Guerra dos sexos, ainda? (17 e 18/06/2017);
 O amor (10 e 11/06/2017);
 A duração dos erros (03 e 04/06/2017);
 Sexo e sentimentos (27 e 28/05/2017);
 A mesa das crianças (20 e 21/05/2017);
 Mães postiças (13 e 14/05/2017);

O novo tarado (06 e 07/05/2017);
 Apoteótico (29 e 30/04/2017);
 Gostosa! (22 e 23/04/2017);
 Vampirismo (15 e 16/04/2017);
 Todos os sentidos da vida (08 e 09/04/2017);
 A nova minoria (18 e 19/02/2017);
 Metade da vida (17 e 18/12/2016);
 Um meio louco e outro também (16 e 17/07/2016).

Momento da oralidade e da interação: Leitura e comentário de cada crônica lida. Algo comum entre as leituras? Características? Por que o texto lido é uma crônica? Por que Martha Medeiros é uma cronista? Alguma relação com o clipe e a música? E com nossos dias atuais?

3. Ruptura do horizonte de expectativa

Momento da troca de caderno Donna para leitura de outra crônica de Martha Medeiros pelos alunos.

Com esse momento, permitem-se diversas formas para se desenvolver uma leitura de um texto de forma rápida, individual e espontânea. Interessante, também, verificar outras interpretações de um mesmo tema.

Que seja estimulado (com muitíssima frequência) o exercício da leitura gratuita, da leitura do texto literário, do texto poético, sem qualquer tipo de cobrança posterior, suscitando assim a leitura pelo simples prazer que provoca (para isto, selecionar textos que, de fato, possam provocar prazer estético) (ANTUNES, 2008, p. 83).

4. Questionamento do horizonte de expectativas

Após a leitura, questionamento oral: continuamos ou paramos por aqui? Debate e discussão sobre a crônica (finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte ou veículo, tema, estrutura, linguagem) e a cronista Martha Medeiros.

5. Ampliação do horizonte de expectativas

Pesquisa no laboratório e na biblioteca de livros escritos pela cronista Martha Medeiros, como também a biografia em site e blog da autora. Outros cronistas foram citados e buscaram-se informações e livros.

Alguns temas de crônicas lidas servirem como texto de apoio para a produção textual.

4.2 Um motivo para ler ou o prazer de ler

Por acreditar que “... a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca” (ZILBERMAN, 1993, p. 17), após a sequência didática, uma

pergunta foi feita e respondida pelos 55 alunos do 3º ano do ensino médio da EEEMAT: A leitura de crônicas de Martha Medeiros desperta/motiva a leitura? Por quê?

Os alunos gostaram do que leram, entenderam e conseguiram expor oralmente para os colegas a leitura, levando os colegas a aderir a ideia de troca do caderno Donna do jornal Zero Hora e posterior leitura. Um círculo vicioso se formou. E sob o viés de Antunes (2008, p.76-77) ”E esta tríplice função, implicada na realização da leitura (*ler para informar-se; ler para deleitar-se; ler para entender as particularidades da escrita*), que justifica a sua tão propalada conveniência”.

Entre as respostas às perguntas feitas após a sequência didática, norteadora da proposta de intervenção, citam-se oito:

Aluno A: A leitura foi muito interessante, gostei da proposta que ela faz. Muito legal. Não conhecia essa autora.

Aluno B: Sim, é bom de ler, pois é uma leitura simples que instiga o leitor a ler e ligar a crônica com algo do cotidiano.

Aluno C: É uma leitura que além de interessante te proporciona uma visão diferente sobre o assunto, te faz pensar além. Leituras de Martha te faz pensar além. Seus argumentos além de convencer te fazem questionar mais sobre o assunto e para quem não conhece suas citações (pessoas) é de incentivo a ir pesquisar sobre. Além de contemporânea, é divertido.

Aluno D: É uma leitura que nos prende e faz refletir sobre nossos atos e como vivemos perante a sociedade. Ela explica a opinião de forma clara e desperta o interesse em ler mais suas crônicas e até mesmo a assistirmos os filmes indicados.

Aluno E: Desperta desde o título, pois é chamativo e aborda vários temas.

Aluno F: Acho que sim, pois suas crônicas são divertidas, falam do momento e não são extensas.

Aluno G: Sim, porque ela usa palavras fáceis de entender e as crônicas que faz tem sentido em nossas vidas e nos deixa coisas incríveis para pensar e refletir. A gente aprende com ela.

Aluno H: Sim, porque quanto mais crônicas dela você lê, mais vontade de ter um livro dela você sente.

Escritas como essas nos convidam a reflexão e a continuidade de uma proposta de incentivo à leitura, ao aprendizado e a formação da competência leitora. São ações que transformam, pois “Falar em leitura e escrita é falar, de algum modo, da constituição do sujeito-aluno dentro do espaço legitimado para o ensino da língua, o espaço escolar” (ORLANDI, 2001, p. 17).

Diante dessas pontuações escritas pelos alunos, a leitura tem o viés de “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar” (COSSON, 2007, p. 68).

As crônicas de Martha Medeiros passaram de mão em mão, ou de leitor em leitor. Sabe-se que existem muitos meios para o ato de ler, mas é na escola que ele se fortalece. E a leitura deve ser vista como um procedimento, o alicerce, para a construção do processo de ensino aprendizagem, gerador do conhecimento, e segundo Kleiman (2004, p. 77), “a leitura em sala de aula não está somente ligada às salas, mas também a todos os elementos que nos cercam”. Então, as estratégias de leitura devem estar presentes no planejamento didático e pedagógico do professor e de uma escola.

Uma certeza existe: estratégias devem ser planejadas para que a leitura ocorra e traga o entendimento do sentido e a alegria em ler. Nesse trajeto, Solé (2008, p.61) faz afirmações em relação a procedimentos de leitura:

- O leitor que compreende o que lê, está aprendendo, pois a leitura nos aproxima de múltipla cultura.
- Inúmeras vezes lemos com uma finalidade clara de aprender. E quando isso acontece, utilizamos uma série de estratégias e procedimentos de leitura.

Também, sempre é pertinente considerar a leitura como “um processo de interação entre o leitor e o texto” (SOLÉ, 2008, p.22) e como “[...] é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto” (GERALDI, 2012, p. 91), para compreender quanto é válido a compreensão de que o entendimento do processo da leitura perpassa por um leitor ativo que vai desvendando e construindo o sentido do texto. Esse leitor interage com as palavras, as frases, os períodos e os parágrafos do texto e com o autor para a construção da significação. Muitas vezes, um facilitador – o professor contribui (motiva também) para que o que está escrito seja compreendido, ou seja, “Saber ler é saber o que o texto diz e o que não diz, mas o constitui significativamente” (ORLANDI, 1988, p. 11) e mais “O professor faria bem, então, em ajudar o aluno a construir uma *representação positiva da leitura* e dos poderes que ela confere ao cidadão” (ANTUNES, 2008, p. 81).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada procurou mostrar quão importante é o hábito de leitura. Despertar o prazer em ler é uma das tarefas do educador. Buscar estratégias de leitura como ferramenta a serem utilizadas pelos alunos para a compreensão do que leem e gostarem do que fazem – ler, é fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem seja satisfatório. Ademais, os resultados de avaliações (externas realizadas) divulgados pela mídia são preocupantes: nível baixo, não adequado, quanto à leitura e, também, à escrita. Contudo uma certeza comprova-se com este estudo que a competência e habilidade leitora constituem um cidadão ativo, crítico e reflexivo com condições de inferir no que lê. Também, de intervir na sociedade em que está inserido.

É missão da escola e papel do educador proporcionar ao alunado práticas pedagógicas atrativas que levem ao hábito de leitura e à leitura prazerosa. Por conseguinte, o ato de ler conduz a aprendizagem e ao conhecimento. Se o aluno lê e compreende o texto, amplia o saber e constrói significados para o emaranhado de palavras, tão necessários para enfrentar os desafios contemporâneos, e se torna capaz de interagir na sociedade, expondo o posicionamento frente a diversos e diferentes temas. Exerce, assim, a cidadania. Então, a leitura é uma maneira de enriquecimento da memória, do senso crítico e do conhecimento. Essa assertiva comprova-se em Antunes (2008, p. 70) “A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”.

Entretanto só se aprende ler, lendo. Tem-se livros, jornais, revistas, eBooks, e outros. Muitas são as oportunidades de leitura. Sabe-se ler. A leitura acontece nas escolas. Mas uma reflexão sobre a leitura é essencial, principalmente, pelos indicadores dos resultados de aprendizagem, considerando a compreensão e a interpretação de textos. É necessário verificar os motivos e as razões pelas quais a competência leitora não é eficaz. Os alunos leem pouco, por quê? Se leem pouco, como incentivar o hábito e o gosto pela leitura?

Esses questionamentos conduzem a busca por estratégias e práticas que estimulem a leitura. No entanto, "Nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido". (SOLÉ, 1998, p.91). Compreendi, de acordo com os autores citados nesta pesquisa, que a leitura, a crônica, a escola e as estratégias devem andar juntas visando à aprendizagem de forma atraente para que surja o hábito de ler e o aluno se torne um leitor competente.

Após o aprofundamento teórico e a coleta de dados por meio do questionário com questões fechadas e abertas sobre hábitos e opiniões, aplicados aos 55 alunos das turmas da manhã do 3º ano do Ensino Médio, constata-se pelas respostas dos alunos que reconhecem a importância da leitura, que às vezes gostam de ler, outras não; talvez, a falta de tempo para leitura fora da escola e o pouco costume indiquem o motivo por não gostar de ler.

Conclui-se que os estudantes são capazes de aprender a ler e a entender o que leem. Com base nos dados coletados, acredita-se que a família, a escola, os professores e a sociedade podem ajudar a motivar o prazer pelo ato de ler. A leitura está presente em todo contexto em que estivermos, pois vivemos rodeados de palavras, prontas para serem lidas. E ler torna-se um hábito saudável quando a escola compreende a importância da leitura, desenvolve projetos para que os alunos, durante o período em que permanecem no espaço escolar, desfrutem de um momento de silêncio e de concentração, de encontro e sincronia com o texto. Se compartilhado, maior interação. Assim, a EEEMAT, há quatro anos, promove semanalmente um horário para a leitura. É a parada literária que faz bem: leem-se obras literárias ou textos de jornais ou de revistas. É na escola que a aprendizagem se realiza. É na escola que a leitura se fortalece e se agiganta.

Diante disso e da preocupação atual com os indicativos apresentados pelos alunos para compreender e gostar de ler, pensou-se em uma leitura curta, rápida, com temática cotidiana e linguagem contemporânea, envolvente e agradável. Então, a crônica foi o gênero textual escolhido, utilizado em sala de aula e apreciado pelos alunos, jovens de 16 a 18 anos concluintes da Educação Básica, por abordar diferentes assuntos do dia a dia sob diversos olhares e estilos. Martha Medeiros, a cronista escolhida, é uma das mais conhecidas da atualidade. Suas crônicas são publicadas aos domingos, no caderno Donna, no jornal Zero Hora. A cronista aborda fatos cotidianos, apresentando reflexões acerca da vida, expressando sentimentos e emoções como também opiniões sobre os temas abordados nos textos que servem, muitas vezes, como incentivo para a pesquisa e conhecimento. De acordo com Lajolo (2004, p. 9), “as crônicas constituem elemento mobilizador para a reflexão e discussão de temas transversais como trabalho, cidadania, ética e pluralidade cultural, promovem a aproximação de diferentes áreas do conhecimento”.

Para propor um plano de intervenção, é muito importante utilizar um método que se preocupe com os alunos/leitores. Então se buscou no Método Recepcional, desenvolvido por Bordini e Aguiar (1993), uma maneira possível de trabalho com a leitura, ou seja, uma prática pedagógica dinâmica e envolvente. Por certo que, através dessa metodologia, os textos tornaram-se desafiadores. São diversos leitores interagindo com textos, e diferentes leituras

para o mesmo texto vão surgindo e, conseqüentemente, a cada leitura supõe-se outras leituras. Amplia-se o horizonte de expectativa dos alunos. Despertam-se o gosto e o prazer de ler. Isso contribui para a formação de o leitor competente, autônomo, reflexivo e crítico, alargando as perspectivas e consentindo ao aluno a descoberta de novas formas de pensar.

Com este estudo, centrado nas crônicas e no despertar do prazer pela leitura no Ensino Médio, acredito que as práticas pedagógicas desenvolvidas contemplaram a formação de leitores proficientes que se constituem portadores de autonomia, reflexão e crítica a partir da construção semântica dos textos que leram. A leitura de vinte e nove crônicas de Martha Medeiros com diferentes temáticas – literárias ou jornalísticas – representam personagens semelhantes e contemporâneos ao tempo em que se vive como se fossem conhecidos. De tal forma, incentivaram a leitura e trouxeram, além de informações e de conhecimentos, lições para a vida, como escreveu este aluno: “Ela te convida a ler lhe dando dúvidas e falando de coisas reais que nos levam a refletir e buscar entender o que ela busca nos falar. Ela destrói expectativas e ao mesmo tempo nos traz novas com sutileza”. E outro aluno também: “Desperta e muito. Eu li uma vez e já fiquei querendo ler mais, pois fala da vida pessoal, do que muitos sentem diante do público e, também, fala que se você não enfrentar seus próprios erros nunca vai conseguir vencê-los”.

Então, é possível concluir que o gênero “crônica” é marcado pelas emoções e sua leitura foi uma boa escolha para essa pesquisa que visou o despertar do prazer de ler. No círculo e no embate de leituras, o jornal correu a sala, e as turmas do 3º ano do Ensino Médio da EEEMAT “cronicavam”, saboreando a leitura em sua linguagem simples e contemporânea, agradável e, às vezes, instigante.

Diante desses registros, é incontestável o papel da leitura na formação integral do aluno, o cidadão do amanhã. A metodologia, a sequência didática e o método recepcional utilizados na proposta de intervenção contemplaram os objetivos propostos na pesquisa, bem como as crônicas e a cronista. Cumriu-se o fim, “Talvez isso tudo, para muitos, possa parecer um caminho utópico. Mas vale a pena. Ai de nós sem alguma utopia!” (ANTUNES, 2008, p. 171).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português - encontro & interação**. 6 ed. São Paulo : Parábola Editorial, 2008.
- BARROS, Mônica Garcia; TAMANINI, Juliano. Interpretações da leitura em livros didáticos. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 1858-1870.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio (OCEM): Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, volume 1. 2006. 239 p.
- _____. **PCN + Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, volume 1. 2002. 241 p.
- _____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_em_baixa_site.pdf > Acesso em: 08 maio 2018.
- CAFIEIRO, D. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. In: RANGEL, E.; ROJO, R.H.R. (Coord). Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Coleção Explorando o Ensino; v.19, 2010. p.85-106.
- CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CARVALHO, Lafaiete da Silva et. al. **A Leitura na sociedade do conhecimento**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 19-27, jan./jul. 2006. Disponível em: < <http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/view/459/576> >. Acesso em: 18 abr. 2018.
- COSCARELLI, Carla Viana. **O ensino da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. Maceió: Imprensa Universitária, dez.1996. p. 163-174.
- _____. **Leituras sobre a leitura**. Passos e espaços na sala de aula. Belo Horizonte. Editora Vereda, 2013.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Vol. V. São Paulo: Global, 1999.
- FERREIRA, Ângela Modesto Guedes. **De fato e de ficção: um estudo sobre a leitura de crônicas na escola**. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras/Profletras – UNESP, Assis, 2016.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. **Atividades com textos em sala de aula**. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. 107-131.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.
- GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIORDANI, Estela Maris et. al. **A Leitura Inteligente no Ensino Médio**: Aplicação dos Princípios da Pedagogia Ontopsicológica. *Revista Saber Humano*, ISSN 2446-6298, Seção Especial: Prêmios FOIL, p. 75-95, jul./dez. 2017.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 10 ed. Campinas: Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LIMA, Letícia Oliveira de. **Espelho, espelho meu, existe alguém mais doida ou santa do que eu?** Representações para a mulher em crônicas e Martha Medeiros. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM. Santa Maria, 2015.
- LOPES, Elisa Cristina. **Por onde caminha a literatura no ensino médio**. São Paulo: FEUSP, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo.
- LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed. 2010.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MOURA, A. A. V.; MARTINS, L. R. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012. p.87-112.

OLIMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br>> Acesso em: 20 jun.2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PAULINO, Graça. **Tipos de textos, modos de leitura**. São Paulo: Formato, 2001.

REVISTA LINGUA PORTUGUESA. São Paulo, Editora Segmento, Nov. 2010.

RITTER, Lilian Cristina Buzato. **Gênero discursivo crônica**: um estudo do contexto de produção. V Siget, Caxias do Sul, p.1-17, 2009. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/genero_discursivo_cronica_um_estudo_do_contexto_de_producao.pdf. Acesso em: 20 abr. 2017.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2008.

SANTOS, Joaquim Ferreira. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANTOS, Francinaldo Aprogio dos. **Uma proposta de leitura com o gênero textual crônica no ensino de Língua Portuguesa**. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras/Profletras – CERES, Currais Novos/RN, 2016.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Ateliê de crônicas & portfólio**. Leitura (UFAL), v. 42 p.237-249, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Aline Pereira de. **Interpretando a linguagem figurada: um estudo das crônicas de Martha Medeiros**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP, Araraquara, 2013.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler**: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 11. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A : QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS E OPINIÕES SOBRE A LEITURA – 3º ano do Ensino Médio (EEEMAT) – 2018

Ao responder este questionário você estará contribuindo com a geração de dados para a pesquisa *O ENSINO MÉDIO E AS CRÔNICAS: despertando o prazer pela leitura*. Nesse sentido, quanto mais sincero for, melhor contribuição dará. Não há necessidade de assinar ou se identificar. Para responder ao questionário, considere os itens abaixo e escolha apenas uma das alternativas, aquela que melhor corresponde à sua opinião.

Idade: _____ Reside na (o): a.() cidade b.() interior

1. Você gosta de ler?

a.() Sim b.() Não c.() às vezes – Por quê?

2. Você considera a leitura:

a.() uma obrigação b.() um prazer c.() um passatempo d.() um aborrecimento

3. Na escola, você é incentivado (a) a ler?

a.() Sempre b.() às vezes c.() raramente d.() nunca

4. Em casa, você é incentivado (a) a ler:

a.() Sempre b.() às vezes c.() raramente d.() nunca

5. A qual tipo de leitura você tem acesso em casa?

a.() Na internet b.() Jornais e revistas c.() Todo tipo de leitura d.() Nenhum tipo

6. Em sua opinião, as leituras recomendadas pela escola são

a.() Agradáveis b.() Difíceis c.() Desinteressantes d.() Importantes

Por quê? _____

7. Você tem dificuldade para compreender e interpretar textos?

a.() sim b.() não c.() às vezes

Por quê? _____

8. Se pudesse escolher um gênero textual, qual escolheria?

a.() romance b.() conto c.() crônica d.() novela e.() fábula f.() lenda

Por quê? _____
